

**SUPR.: CONS.: DO BRASIL PARA
O RIT.: ESC.: ANT.: E AC.:**

Instalado em 12 de novembro de 1932

RITUAL DO GRAU 18.:

CAVALEIRO ROSA-CRUZ

ou

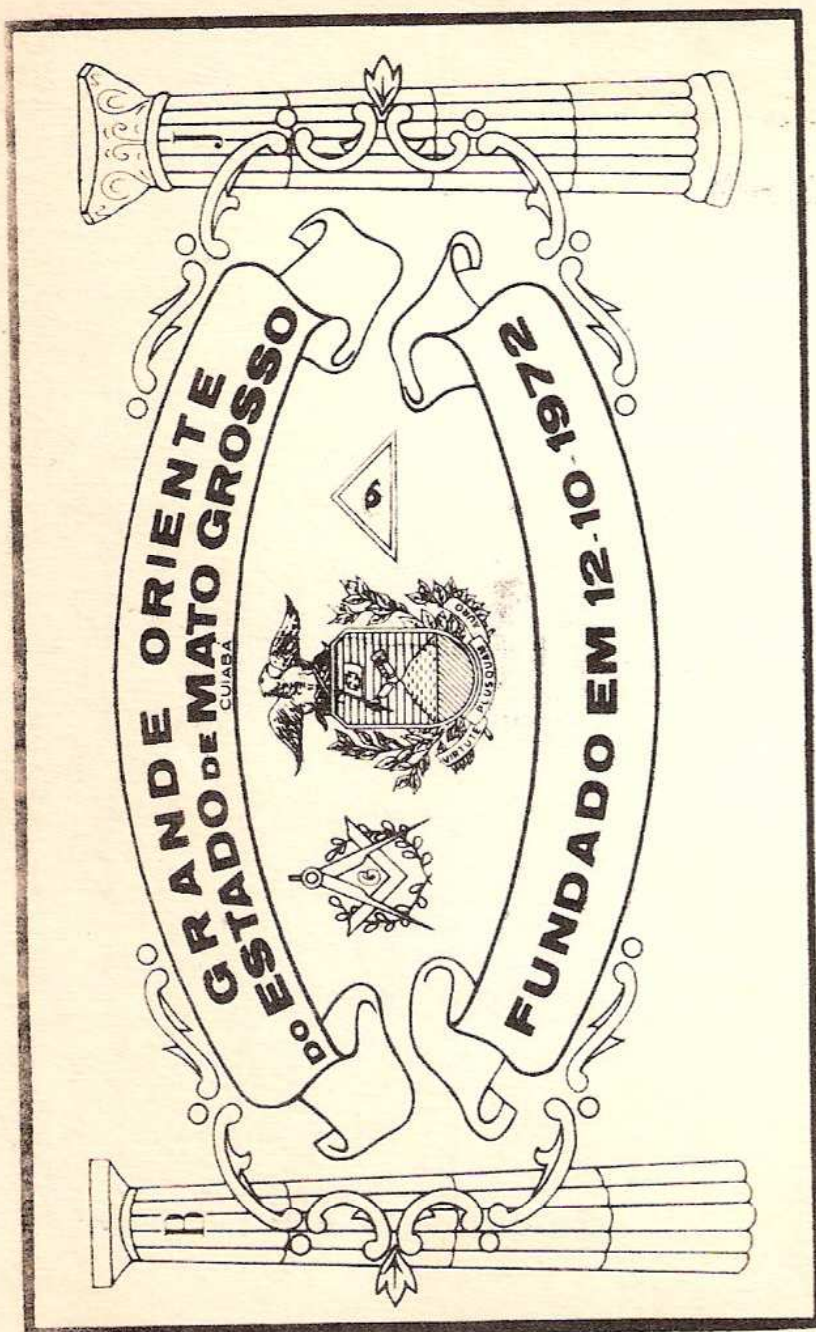
Cavaleiro da Águia Branca e do Pelicano

Aprovado e adotado em 1925

Revisto em 1972



**RUA DO LAVRADIO, 97 — RIO DE JANEIRO
1972**



REPRODUÇÃO DE RITUAIS DO GRAU 18.:

ESTE EXEMPLAR, CUJA AUTENTICIDADE GARANTIMOS, É APROVADO E ADOPTADO PELO ILUSTR.: SUPREMO CONSELHO DO BRASIL PARA O RITO ESCOCES ANTIGO E ACEITO.

N.º 0711

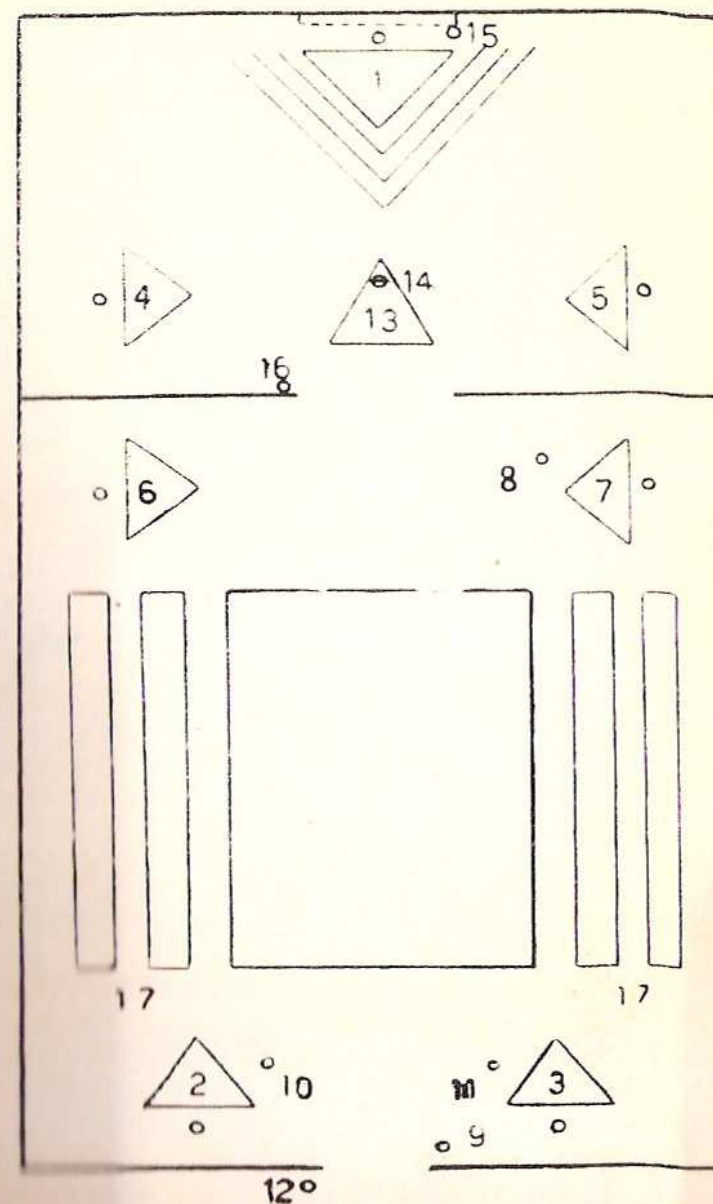
União

Gr. Sec. do S. I.

QUADRO N.º 1

- 1 — Aterz.º
- 2 — 1.º Gr.º Vig.º
- 3 — 2.º Gr.º Vig.º
- 4 — Gr.º Secr.º
- 5 — Gr.º Cav.º da Eloq.º
- 6 — Gr.º Tes.º
- 7 — Gr.º Hosp.º
- 8 — Gr.º M.º de CCer.º
- 9 — Gr.º Cap.º das GG.º
- 10 — 1.º Gr.º Exp.º
- 11 — 2.º Gr.º Exp.º
- 12 — Gr.º Cobr.º
- 13 — Altar dos Juramentos com Bíblia
- 14 — Cand.º de 7 velas
- 15 — Painel do Grau
- 16 — Estandarte
- 17 — Assentos dos CCav.º

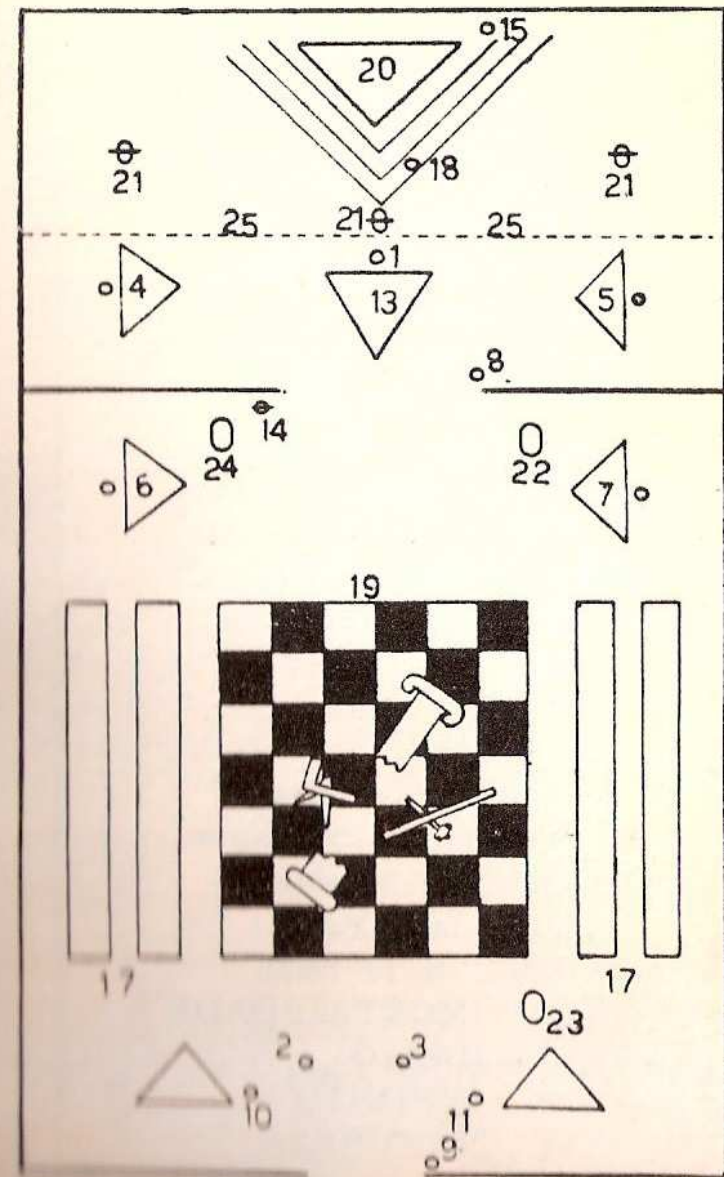
QUADRO N.º 1



QUADRO N.º 2

- 1 — Aterz.º.
- 2 — 1.º Gr.º. Vig.º.
- 3 — 2.º Gr.º. Vig.º.
- 4 — Gr.º. Secr.º.
- 5 — Gr.º. Cav.º. da Eloq.º.
- 6 — Gr.º. Tes.º.
- 7 — Gr.º. Hosp.º.
- 8 — Gr.º. M.º. de CCer.º.
- 9 — Gr.º. Cap.º. das GG.º.
- 10 — 1.º Gr.º. Exp.º.
- 11 — 2.º Gr.º. Exp.º.
- 12 — Gr.º. Cobr.º.
- 13 — Altar dos Juramentos com Bíblia, Esq.º. e Comp.º., Triâng.º., Cruz com Rosa Mística, Avental e Cordão preto.
- 14 — Cand.º. de 7 velas
- 15 — Estr.º. Flamíg.º.
- 16 —
- 17 — Assentos dos CCav.º.
- 18 — Pramanta
- 19 — Pav.º. mosaico
- 20 — Crucif.º. e 2 velas
- 21 — Cand.º. de 11 velas
- 22 — Col.º. da FÉ
- 23 — Col.º. da ESPERANÇA
- 24 — Col.º. da CARIDADE
- 25 — Cortinas corrediças

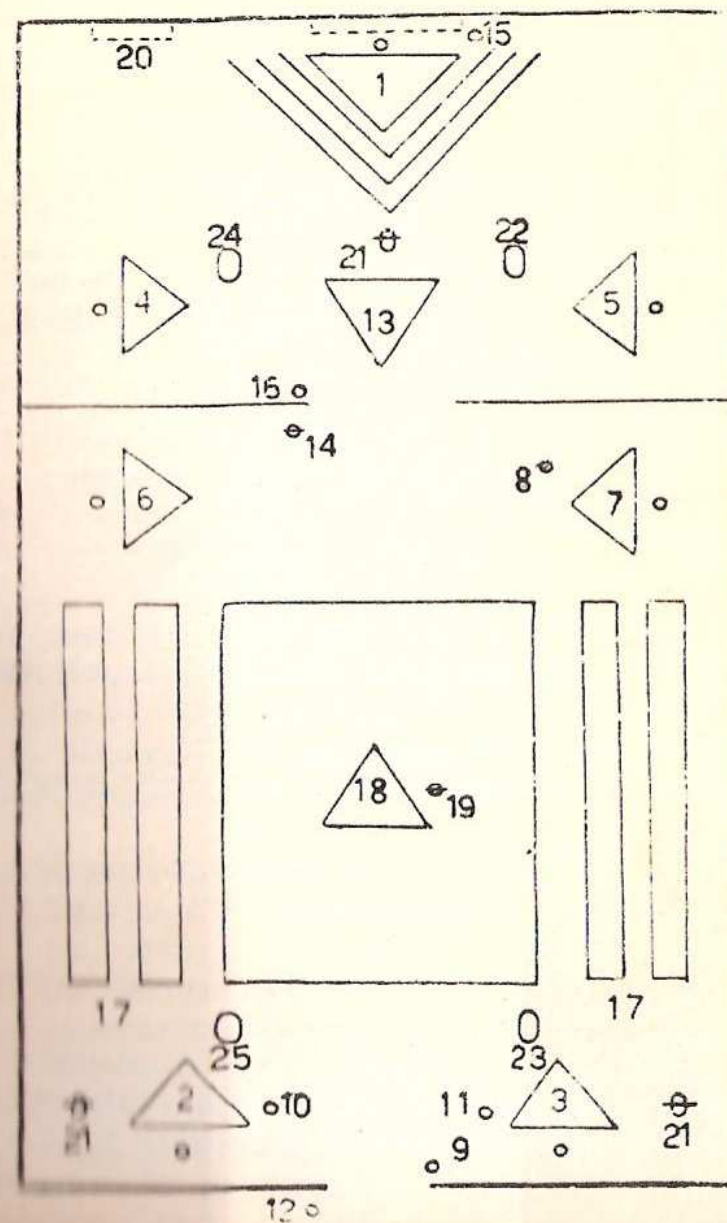
QUADRO N.º 2



QUADRO N.º 3

- 1 — Aterz.º.
- 2 — 1.º Gr.º. Vig.º.
- 3 — 2.º Gr.º. Vig.º.
- 4 — Gr.º. Secr.º.
- 5 — Gr.º. Cav.º. da Eloq.º.
- 6 — Gr.º. Tes.º.
- 7 — Gr.º. Hosp.º.
- 8 — Gr.º. M.º. de CCer.º.
- 9 — Gr.º. Cap.º. das GG.º.
- 10 — 1.º Gr.º. Exp.º.
- 11 — 2.º Gr.º. Exp.º.
- 12 — Gr.º. Cobr.º.
- 13 — Altar dos Juramentos
- 14 — Cand.º. de 7 velas
- 15 — Painel do Grau
- 16 — Estandarte
- 17 — Assentos dos CCav.º.
- 18 — Altar com o Pramanta
- 19 — Cand.º. de 3 velas
- 20 — Painel das Cruzes
- 21 — Cand.º. de 11 velas
- 22 — Col.º. IMORTALIDADE
- 23 — Col.º. RAZÃO
- 24 — Col.º. INFINITO
- 25 — Col.º. NATUREZA

QUADRO N.º 3



ORDEM DOS TRABALHOS

A ordem regular dos trabalhos de um Subl.º Cap.º Rosa Cruz é a seguinte, depois da abertura ritualística:

- 1.º — Leitura, discussão e aprovação da Coluna Gravada da última reunião;
- 2.º — Expediente, constando de:
 - a) Leitura de Atos, Decretos e Resoluções dos Poderes Superiores;
 - b) Correspondência recebida e expedida;
 - c) Leitura de Relatório do Ir.º Gr.º Hospitaleiro;
 - d) Leitura de Pareceres das Comissões;
 - e) Saco de PP.º e II.º cuja coleta será verificada, passando para o expediente da próxima reunião, salvo se

se referir à informação sobre candidatos à iniciação, cujo processo deva ser votado nesse dia.

3.º — Ordem do Dia:

- a) Discussão e votação dos Pareceres;
- b) Discussão e votação de requerimentos para elevações, filiações e regularizações;
- c) Iniciação, Filiação e Regularização;
- d) Se não houver programação referentes aos itens a, b, e c, far-se-á obrigatoriamente uma instrução em qualquer dos GGr.º em que trabalha o Capítulo.

4.º — Tronco de Solidariedade;

5.º — Palavra Franca;

6.º — Encerramento ritualístico, com a suspensão dos trabalhos.

DECORAÇÃO DO TEMPLO

A — Sessão Ordinária (Vide Quadro n.º 1)
Templo forrado de vermelho. No Santuário, abaixo do dossel, o painel do grau; na balaustrada, à direita do Aterzata, o estandarte do Capítulo. O Altar dos Juramentos fica no Santuário, junto à entrada; nele está o Livro Sagrado e o castiçal de 7 velas.

DDig.: e OOf.: — Os GGr.: VVig.: em
em seus altares.

Gr.: Cav.: Eloq.: e Gr.: Secr.:
respectivamente à esquerda e à di-
reita do Aterzata (situação opos-
ta à disposição na Loj.: Simb.:).
Gr.: Tes.: e Gr.: Hosp.: nos al-
tares junto à balaustrada, à direita
e à esquerda, respectivamente, do
Aterz.:;

Gr.: M.: CC.: junto à balaustrada,
à esquerda;

GGr.: EExp.: junto aos GGr.:
VVig.:;

Gr.: C.: das GG.: junto à porta, à
esquerda;

Demais cargos, sem lugar determi-
nado.

B — Sessão de Iniciação:

Os trabalhos capitulares de Iniciação
realizam-se em três Câmaras.

PRIMEIRA CÂMARA (Quadro n.º 2)

A primeira Câmara, forrada de preto com
lágrimas brancas, tem o pavimento de mosai-
co, com quadrados, ou losangos, alternadamen-
te brancos e pretos, sobre o qual se encontram
fragmentos de colunas e de utensílios de tra-
balho.

No Santuário, sobre tres degraus, fica o
Altar do Presidente, coberto de **pano preto com**
chamas encarnadas. No primeiro degrau re-
pousa o PRAMANTA, em um coxim de veludo
encarnado.

Sobre o Altar, um Crucifixo, tendo, de cada
lado um castiçal com vela de cera amarela. Por
sobre o dossel de pano preto com franjas de
prata, fica a Estrela Flamejante.

Em frente ao Altar, separando-o do Corpo
da Câmara, uma cortina preta, aberta no cen-
tro e presa ao teto por corrediças, que facili-
tem seu funcionamento por ocasião dos traba-
lhos. Em frente à abertura da cortina, uma
mesa triangular, coberta de preto, sobre a qual
estão um Compasso, um Esquadro, um Tríplice
Triângulo, uma Cruz de ébano, com a Rosa Mís-
tica na intercessão dos braços, com as letras
I N R I, um Avental preto, com a Rosa Cruz no
centro e um Colar preto. O Tríplice Triângulo
é feito com tres triângulos entrelaçados: bran-
co, vermelho e preto.

A direita, próximo à grade do Santuário,
fica o CANDELABRO DE SETE VELAS.

No Corpo da Câmara, ao lado sul, junto à
grade do Santuário, uma coluna dórica; ao sul
junto ao Ocidente, uma coluna jônica e, ao lado
norte, junto à grade do Santuário, uma coluna
coríntia. Sobre o tope dessas colunas, um res-
plendente triangular, com uma lâmpada no in-
terno.

terior: na da coluna dórica, a palavra — FÉ, em roxo; na jônica a palavra — ESPERANÇA, em encarnado e na coríntia a palavra — CARIDADE, em azul.

No Santuário estão colocados tres candelabros de 11 velas cada um, sendo um no centro e os outros dois junto às paredes laterais. Estes candelabros só aparecem quando a cortina for descerrada.

O presidente senta-se entre a cortina e a mesa triangular. Os GGr.: VVig.: sentam-se no Ocidente não tendo mesa diante de si, pois fazem a bateria com os respectivos Malhetes um no outro.

Os demais Officiais ocuparão os lugares que lhes competem e os Cavaleiros sentar-se-ão em bancos ou estrados baixos, supondo-se que o fazem no chão.

SEGUNDA CÂMARA

Representa um lugar de suplícios, conforme o descreveram Milton e Dante. É forrado de preto, tendo, se possível, painéis representando o castigo dos réprobos. Deve, sempre que possível, ser quadrada e pequena, só recebendo luz do exterior.

TERCEIRA CÂMARA (Quadro n.º 3)

É forrada de vermelho com a mesma iluminação da primeira, ficando, porém, os candelabros de 11 velas no Santuário, Ocidente e Sul.

O CANDELABRO DE SETE VELAS fica junto à grade, entre a mesa do Gr.: Tesoureiro e a entrada do Santuário.

Sobre o dossel do Altar um Resplendor, no centro do qual está uma Estrela radiante e, ao centro desta, a letra — IOD, em vermelho. Por baixo do dossel, um transparente representando um TOMULO ABERTO.

À direita do Altar, embaixo e próximo à grade, o Estandarte do Subl.: Cap.:. À direita do Altar, na parede do fundo, um painel com tres Cruzes pintadas, sendo a do centro um pouco maior que as laterais e tendo, na intersecção dos braços, a Rosa Mística, rodeada de uma coroa de espinhos. No centro das duas outras, uma caveira, com duas tíbias em asas.

A Câmara será ornamentada de flores e folhagens. O Altar e o dossel serão cobertos de pano branco, com franjas de ouro. Sobre a mesinha triangular, os mesmos objetos, já referidos e o Livro das GGr.: CConst.:; à direita e à esquerda do Altar, uma Coluna prismática de 2m20 de altura, tendo cada uma um trans-

parente triangular por cima. No transparente da direita, a palavra — INFINITO — e no da esquerda a palavra — IMORTALIDADE.

Duas outras colunas iguais, pouco à frente das mesas dos GGr.: VVig.: No transparente à sua direita, a palavra — RAZÃO — e no da esquerda — NATUREZA.

No centro do Templo, fica uma mesa triangular, onde repousa o PRAMANTA. Ao lado desta mesa, um candelabro de tres velas.

Os trabalhos de iniciação deverão ser acompanhados pela coluna de harmonia.

OBSERVAÇÃO:

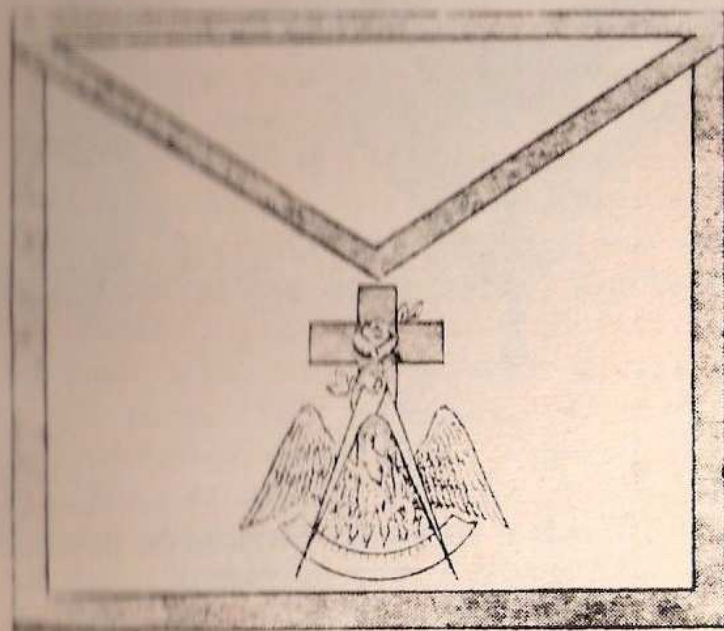
Para o caso do Subl.: Cap.: não poder organizar as Tres Câmaras, a Iniciação pode ser realizada em duas, funcionando o T.: como 1.^a e 3.^a, convenientemente adaptadas, e a sala dos PP.: como 2.^a.

INDUMENTÁRIA:

O Traje dos Cavaleiros é preto com luvas brancas e espada à cinta.

Na primeira Câmara todos os Cavaleiros devem usar dalmática branca, com orla de seda preta de duas polegadas de largura e Cruz encarnada à altura do coração, tendo o braço vertical quatro polegadas e o horizontal duas.

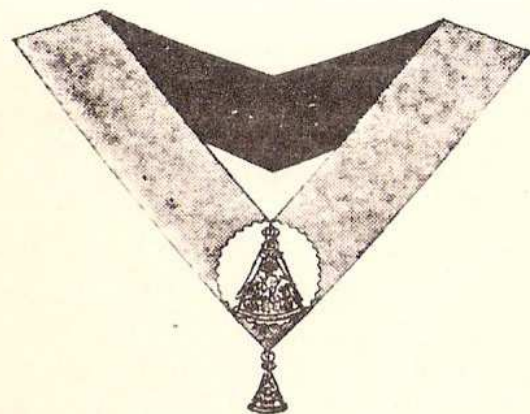
AVENTAL



O AVENTAL é de cetim branco, com orla vermelha e forrado de preto. No centro, a jóia, bordada ou pintada a ouro e no forro a Cruz mística, em vermelho.

Medida: 35 cm de largura por 30 cm. de altura, tendo a abeta 13 cm. na maior altura.

COLAR E JÓIA



O COLAR é vermelho forrado de preto com a jóia na frente e a cruz no forro.

A Jóia é um compasso aberto em 60.º sobre um arco de círculo graduado. No centro, entre as hastes do compasso, um Pelicano alimentando os filhos, em número de sete. Por trás do Pelicano, uma cruz em vermelho, tendo na intercessão dos braços a Rosa mística. No vértice do compasso, uma coroa real. No anverso da Jóia, a Águia branca. O Pelicano deve ser prateado e o restante da Jóia dourado.

REABERTURA DOS TRABALHOS

ATERZ.: — (!) — Hlr.: GGr.: VVig.:, anunciando aos Cavaleiros de vossos Vales que vamos reencetar os trabalhos deste Subl.: Capítulo Rosa-Cruz.

1.º GR.: VIG.: — (!) — Meus Hlr.:, o Resp.: Ir.: Aterzata comunica que vai reencetar os trabalhos deste Subl.: Capítulo Rosa-Cruz.

2.º GR.: VIG.: — (!) — Hlr.: do Vale do Sul, o Resp.: Ir.: Aterzata vai reencetar os trabalhos deste Subl.: Capítulo. (Pausa). Está anunciado no Vale do Sul, Ir.: 1.º Gr.: Vig.:.

1.º GR.: VIG.: — (!) — Resp.: Ir.: Aterzata, está anunciado em ambos os Vales.

ATERZ.: — (!) — Hlr.: GGr.: VVig.:, fazei verificar se o Templo está a coberto.

1.º GR.: VIG.: — (!) — (*Depois de feita a verificação*) — Resp.: Ir.: Aterzata, o Templo está devidamente coberto.

ATERZ.: — (!) — Hlr.: GGr.: VVig.:, todos os presentes são CCav.: R.: C.:?

1.º GR.: VIG.: — (!) — De pé e à ordem, Hlr.: do Vale do Norte.

2.º GR.: VIG.: — (!) — De pé e à ordem Hlr.: do Vale do Sul. (*Feita a verificação*)

ção) — Ir.: 1.º Gr.: Vig.: todos os OObr.: do Vale do Sul são CCav.: R.: C.:

1.º GR.: VIG.: — (!) — *(Já tendo, também, feito a verificação)* — Resp.: Ir.: Aterzata, todos os presentes são CCav.: R.: C.:

ATERZ.: — (!) — Sentai-vos, meus IIR.: *(Pausa)* — Ir.: 2.º Gr.: Vig.:, que idade tendes?

2.º GR.: VIG.: — (!) — T.: t.: anos, Resp.: Ir.: Aterz.:

ATERZ.: — (!) — Ir.: 1.º Gr.: Vig.:, que horas são?

1.º GR.: VIG.: — (!) — É o instante em que o véu do Templo foi dilacerado e as trevas e a consternação espalharam-se por sobre a terra; em que a Luz se obscureceu, desaparecendo a Estrela Flamejante; em que as CCol.: e os utensílios da Maçonaria quebraram-se, e a Pedra Cúbica verteu sangue e água; é a hora em que se perdeu a Palavra.

ATERZ.: — Empreguemos, então, todas as nossas forças para melhorar a sorte dos homens. (!) De pé e à ordem, meus IIR.: *(pausa)*. Ir.: Gr.: Mestr.: de CCer.:, convidai o Ir.: Gr.: Cav.: da Eloq.: para abrir o L.: S.: e acendei o candelabro das sete velas. *(Executada a ordem, o Gr.: Cav.: da Eloq.: abre o L.: S.: em S. João*

1-36). Aterz.: A mim, meus IIR.: pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. — EM NOME E SOB OS AUSPÍCIOS DO IL.: o M.: POD.: SUPR.: CONS.: DO BRASIL PARA O RIT.: ESC.: ANT.: E AC.:, estão reencetados os trabalhos do Subl.: Capítulo Rosa Cruz (!) Sentemo-nos, meus IIR.:

(Segue-se a leitura da Col.: gravada da sessão anterior, e, depois de sua assinatura, a do Expediente).

INICIAÇÃO

ATERZ.: — Ir.: G.: M.: CC.:, dirigi-vos à ante-câmara e dizei aos CCav.: do Or.: e do Oc.:, que aguardam nossa resolução, que este Subl.: Cap.: lhes concedeu a graça de sua iniciação no Gr.: 18.º. Se persistirem em seus desejos preparai-os e conduzi-os ao Templo, pela forma usual.

(O Gr.: M.: de CCer.: sai para cumprir a ordem. Depois da consulta e comunicação, escolhe um dos candidatos, cobre-lhe a cabeça com um véu preto. Assim feito, conduz todos os iniciandos à porta do Templo, onde bate como Cav.: do Or.: e do Oc.:).

GR.: C.: DAS GG.: — Resp.: Ir.: Aterz.:, batem à porta do Templo como Cav.: do Or.: e do Oc.:

ATERZ.: — Ir.: 1.º Gr.: Exp.:, ide verificar quem assim bate.

1.º GR.: EXP.: — (*Entreabrindo a porta do Templo*).

— Quem sois e que desejais?

GR.: M.: CC.: — São os Iir.: F.:, F.:, CCav.: do Or.: e do Oc.:, que erram pelos bosques e pelas montanhas desde a destruição do Templo. Ansiosos por encontrar a Palavra, vêm pedir-vos-la.

(*O 1.º Gr.: Exp.: repete a comunicação ao Aterz.:*).

ATERZ.: — Franqueai-lhes o ingresso, Ir.: Gr.: C.: das GG.: (O Gr.: M.: de CCer.: entra com os neófitos e os coloca entre os GGr.: VVig.: devendo os Iir.: dos VVal.: receber os candidatos na posição de contrição).

GR.: M.: CC.: — Resp.: Ir.: Aterzata, apresento-vos os Iir.: F.:

ATERZ.: — (*Aos neófitos*) — Quem sois e donde vindes?

NEÓFITO — Sou de nobre origem e da tribo de Judá.

ATERZ.: — Qual a vossa qualidade?

NEÓFITO — Cavaleiro do Oriente e do Ocidente.

ATERZ.: — Dai-me a P.: S.:

NEÓFITO —

ATERZ.: — Que idade tendes?

NEÓFITO —

(*O Gr.: M.: de CCer.: conduz os neófitos para a frente do Santuário*).

ATERZ.: — Meus Iir.:, no momento de vos admitir ao grau mais elevado deste Subl.: Capítulo e de assumirdes novas obrigações, devo fazer-vos algumas advertências. Os Iir.: R.: C.: não formam mais uma associação à parte, pois consideram-se iguais a todos os maçons, só distinguindo-se pela maior observância no cumprimento de seus deveres. Veteranos da Ordem, são os conservadores de seus pensamentos e de suas tradições seculares. Devem, pois, velar para que só sejam iniciados os que estiverem profundamente compenetrados do espírito maçônico e tiverem inteligência bastante cultivada para compreender nossas doutrinas e nossas finalidades.

Para realizar a obra dos R.: C.:, basta um pequeno grupo de obreiros resolutos, desde que, entre eles, exista mútua confiança.

Antes de tudo, devo assegurar-me se tendes sido fiéis aos vossos compromissos maçônicos.

O vosso dever é o de estudar, quanto possível, a história e os ensinamentos da Maçonaria, cujo objetivo não pode ser indiferente aos Maçons, porque são estudos de

que o homem deve interessar-se para não faltar à sua missão. É por não compreenderem a Maçonaria, que Maçons indiferentes não a amam. Se sois um destes, errastes em vir aqui. Por que assumir compromissos que, de antemão não desejais cumprir? Os Maçons devem estar ligados, entre si, por mútua e estreita amizade fraterna. Se nutirdes sentimentos de rancor contra qualquer de nós, advirto-vos de que não deveis aceitar a iniciação, caso não vos inclineis ao reatamento de boas relações. Prometeis se tendes algum rancor contra um de nós, preparar-vos para a reconciliação, aceitando ou dando satisfação, que a situação exigir?

NEÓFITOS —

ATERZ.: — Devo, finalmente, chamar vossa atenção para um ponto muito delicado. Existe, entre nós, uma lei que declara infame aquele que desonrar um Ir.: na pessoa de sua esposa, de sua filha, de sua Mãe, de sua Irmã. Nada adiantaria perguntar-vos se já cometestes esse crime; culpado, embora, vós o negaríeis. Advirto-vos porém, que, se estais neste caso, agravareis as conseqüências, ficando entre nós. Conhecedores de vossa culpa, tomaremos inteiramente o partido do ofendido e, assim, seremos vossos implacáveis juizes e vos

expulsaremos de nosso convívio. (*Pausa*).
Ir.: Gr.: Cav.: Eloq.:, examinastes os trabalhos apresentados pelos neófitos?

GR.: CAV.: ELOQ.: — Sim, Resp.: Ir.:
Aters.: São satisfatórios.

ATERZ.: — Ir.: GGr.: VVig.:, indagai se alguém aqui suspeita destes Neófitos, ou contra eles tenha alguma queixa?

1.º GR.: VIG.: — Ir.: do Vale do Norte, há alguém que suspeite destes Neófitos ou contra eles tenha alguma queixa?

2.º GR.: VIG.: — Ir.: do Vale do Sul, suspeitais destes Neófitos ou contra eles tendes alguma queixa?

(*Pausa prolongada. Reinando silêncio*).

3.º GR.: VIG.: — Ir.: 1.º Gr.: Vig.:, o Vale do Sul permanece silencioso.

1.º GR.: VIG.: — Os VVal.: estão silenciosos.
ATERZ.: — Temos, Ir.: Gr.: Cav.: da Eloq.:, todas as parantias sobre os neófitos?

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — Resp.: Ir.:
Aterz.: vossas ordens foram observadas. Em todos os graus, estes Neófitos cumpriram seus deveres. Não são servis, mas obedientes; não são temerários, mas prudentes e corajosos, sem preconceitos nem orgulho.

ATERZ.: — (*Aos Neófitos*) — Estais resolvidos a quebrar todas as algemas da escravidão?

NEÓFITOS —

ATERZ.: — Estais resolvidos a só escutar a consciência e a só aceitar a verdade qualquer que ela seja?

NEÓFITOS —

ATERZ.: — Sede, pois, submetidos aos antigos usos de nossa Ordem. Que todos os nossos bons pensamentos se voltem para vós.

(O GR.: M.: CC.: faz sentar os neófitos nos lugares que lhes são destinados, menos o do véu preto, que fica entre os VVal.:).

ESTRELA FLAMEJANTE:

ATERZ.: — Por que motivo, Ir.: 1.º Gr.: Vig.:, estamos nas trevas e enlutados?

1.º GR.: VIG.: — A ignorância e a dor são a sorte do homem.

ATERZ.: — Por quê?

1.º GR.: VIG.: — Porque se perdeu a Palavra.

ATERZ.: — Que significa essa linguagem?

1.º GR.: VIG.: — Procuro o enigma do Universo e não o encontro; sinto a morte lançar-me as mãos e tenho horror ao Nada.

ATERZ.: — O homem conheceu a Palavra?

1.º GR.: VIG.: — Quem o sabe? A vida é do Infinito. O gérmen humano apareceu em um ponto onde nada existia.

ATERZ.: — Que fizeram os primeiros homens?

1.º GR.: VIG.: — Ignorantes e fracos, a noite os enlouqueceu de terror. Adoraram coisas de todas as espécies, chamando-lhes "Deus". O crime alastrou-se. A tirania impediu o trabalho. O Mal foi tomado pelo Bem e o Bem pelo Mal. E os homens assim o julgaram.

(A um golpe de Malhete do Aterz.:, o Gr.: M.: de CC.: faz aparecer a Estrela Flamejante, abrindo a cortina).

ATERZ.: — Que Estrela é esta que brilha nas trevas?

1.º GR.: VIG.: — É a aparição de uma Nova Lei.

ATERZ.: — Desde que uma Nova Lei promete ao homem a liberdade, procuremo-la.

(O Aterz.: levanta-se e vai para o seu altar).

VIAGENS:

A FÉ

ATERZ.: — Ir.: Gr.: M.: de CC.: conduzi os neófitos em sua primeira viagem.

(Música em surdina — O Gr.: M.: de CC.: dá, com os neófitos, três voltas pelo Templo. Durante as voltas,

são proferidas as seguintes sentenças).

- 1.º GR.: VIG.: — (No início da 1.ª volta)
— Creio na existência de dois deuses: um branco e bom; outro negro e cheio de maldades.
- 2.º GR.: VIG.: — (No meio da 1.ª volta) —
Creio em Brahma, que gerou a Trimurti; Brahma, o criador; Wishnú, o conservador; Šiva, o destruidor.
- GR.: CAV.: DA ELOQ.: — (Antes de terminar a 1.ª volta) — Creio na transmigração das almas.
- GR.: SECR.: — (No início da 2.ª volta) —
Adoremos o Sol, a Lua e as Estrelas, porque são deuses.
- GR.: HOSP.: — (No meio da 2.ª volta) —
O recém-nascido, morto sem batismo, está para sempre condenado!
- GR.: TES.: — (No fim da 2.ª volta) — O rei é deus; nós somos seus escravos.
- 2.º GR.: VIG.: — (No início da 3.ª volta) —
— Mahomet é infalível!
- 1.º GR.: VIG.: — (No meio da 3.ª volta) —
O Papa é infalível!
- GR.: CAV.: DA ELOQ.: — (Ao findar a 3.ª volta) — O fogo é deus. Façamos estátuas de madeira e adoremo-las!

(O Gr.: M.: de CC.: conduz os neófitos à coluna da FÉ, acende a luz do transparente e manda um deles ler a palavra em voz alta e depois os conduz ao Aterz.:).

ATERZ.: — (Aos neófitos que chegam) —
Meus Iir.:, encontrastes a Estrela Flamejante e ouvistes proclamar as crenças dos homens. Se a vossa consciência aceitar alguma delas, seguia-as, pois sois livres. Se tal não se der, esperai que uma nova fé vos inspire.

(O Gr.: M.: de CC.: e os Neófitos voltam para entre os VVal.:).

SEGUNDA VIAGEM:

A ESPERANÇA

ATERZ.: — Ir.: Gr.: M.: de CCer.:, fazei os neófitos empreender a segunda viagem.

(Música em surdina — O Gr.: M.: de CC.:, após dar com os neófitos, uma volta pelo Templo, pára diante da Coluna da Esperança, acende o transparente e manda um deles ler a palavra em voz alta; em seguida, conduzlos à frente do 1.º Gr.: Vig.:).

1.º GR.: VIG.: — (*Aos neófitos que chegam*) — Meus Iir.: se estais sedentos de saber; se ansiosamente estudastes as filosofias desde as mais antigas até as mais modernas; se vosso espírito esteve atormentado pelos problemas metafísicos da origem da natureza e do fim das coisas, conheceis o cruel sofrimento da dúvida. Se já vos recolhestes à vossa inteligência, procurando ver em vosso cérebro, conheceis esse estado horrível em que o caos e a noite de vosso pensamento vos fizeram temer a loucura.

Todas as pretensas revelações sobre as quais os homens fundaram suas crenças, sofreram terríveis metamorfoses. Vistes morrer vosso Pai, vossa Mãe, ou a mulher amada, ou vosso filho; assististes a agonia em que a rigidez se apoderou desses braços, dessa boca, desses olhos que tanto amastes; vistes a vida entrar no Nada; chorastes diante desse cadáver, agora sem inteligência e sem amor. Qual, então, a realidade de vossa esperança?

Nesse momento, todo preconceito foi infrutífero. Quer acreditásseis na imortalidade da alma, quer não acreditásseis, tremestes ao peso da dúvida. É que a ignorância e a dor são as companheiras do homem.

(*O Gr.: M.: de CC.: e os neófitos voltam para entre os VVal.:.*)

TERCEIRA VIAGEM

A CARIDADE

ATERZ.: — Ir.: Gr.: M.: de CC.:, conduzi os Neófitos em sua terceira viagem.

(*Música em surdina. O Gr.: M.: de CC.:, acompanhado dos neófitos, dá três voltas pelo Templo. Durante as voltas, são proferidas as seguintes sentenças*):

1.º GR.: VIG.: — (*No início da 1.ª volta*) — Que todo inimigo seja sacrificado no altar de Baal!

2.º GR.: VIG.: — (*No meio da 1.ª volta*) — Que todo budista seja queimado vivo!

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — (*No fim da 1.ª volta*) — Que o cristão seja imolado aos manes do Profeta!

GR.: SECR.: — (*No início da 2.ª volta*) — Matemos todos os muçulmanos! Deus o quer!

GR.: HOSP.: — (*No meio da 2.ª volta*) — Que os negros sejam escravos!

GR.: TEB.: — (*No final da 2.ª volta*) — Trueldemos os brancos! Morte a Sócrates!

1.º GR.: VIG.: — (*No início da 3.ª volta*) — Morte a Jesus!

2.º GR.: VIG.: — (No meio da 3.ª volta) —
Quem não acreditar em Cristo, seja anatematizado!

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — (No fim da 3.ª volta) — Anátema a quem acreditar em Deus!

(O Gr.: M.: de CC.:, terminada a viagem, conduz os neófitos, diante da Coluna CARIDADE, acende o transparente e manda um deles ler a palavra em voz alta, depois do que coloca-os entre os VVal.: e volta para seu lugar).

ATERZ.: — (Aos neófitos) — Meus Iir.:, a Maçonaria consagrou a iniciação deste grau não ao Cristianismo, tal como é ensinado com seus artigos de fé, mas à glorificação de Jesus!

Qual é pois o mistério?

Por sua estranha e profunda concepção, a Maçonaria enlaçou a lembrança de Jesus à antiga associação dos Iir.: R.: C.: Ora, esses Iir.: foram intrépidos naturalistas que sob as aparências mais ou menos sinceras da alquimia, promoveram pesquisas científicas por meio da observação. Sob pretexto da medicina, percorreram durante dois séculos todo o ocidente da Europa, recolhendo elementos que outros deveriam

fazer frutificar, para refundir o método científico. Inúmeros livros foram escritos pró e contra eles. É um episódio da história, que tereis de cuidadosamente estudar, pois os CCav.: R.: C.: acabaram por se fundir com a Maçonaria, e nós os reconhecemos entre os nossos antepassados.

Assim como os CCav.: R.: C.: foram ardorosos livres pensadores dos séculos XV e XVI e os audaciosos defensores da ciência natural pura, Jesus foi o livre pensador da moral. Ninguém, como ele, pregou resolutamente a moral ideal, fundada sobre o sentimento, a única possível naqueles tempos; ninguém feriu com mais vigor e sucesso a hipocrisia e a tirania sacerdotais. A doutrina toda sentimental de Jesus repousa na intuição de Deus, como Providência, e da alma humana imortal! A antiga Maçonaria sempre proclamou os mesmos princípios, mas com o corretivo — LIBERDADE DE ESPÍRITO e OBRIGAÇÃO DO TRABALHO, isto é, com a indagação da VERDADE.

Identificando-se à obra dos CCav.: R.: C.:, a Maçonaria proclamou o estudo da Natureza, como base de todo o progresso, porém, com este aditivo: A NATUREZA NÃO ESTÁ SOMENTE NA MATÉRIA, MAS TAMBÉM NAS LEIS MORAIS, cuja

sede é nossa consciência e cuja realidade está demonstrada pela formação da sociedade humana, tal como as leis físicas são demonstradas pela existência dos fenômenos físicos. A Maçonaria, como Jesus, empenha-se em aproveitar o homem em seus sentimentos, agindo sobre sua conduta, seus costumes, predispondo-os às boas ações e à Virtude.

Não adotando para si nenhuma determinada crença, a Maçonaria considera todas elas como transitórias e subordinadas aos lentos progressos da razão humana. Fiel ao único princípio da liberdade e do trabalho, a Maçonaria pôde tirar de determinada época da história, verdades parcialmente descobertas; pôde conservar-lhes o sentido exato, repudiando seus maus elementos ou, melhor, seus abusos, por verdades mais completas.

É assim que a Maçonaria tem glorificado a FÉ, a ESPERANÇA e a CARIDADE. Sem prejuízo, porém, tem repellido a Fé pela ciência; tem repudiado quimeras com as quais o homem infante embalava sua imaginação, e, até a Caridade, quando orgulhosamente revestida da forma de esmola. Jesus falara, de acordo com as idéias de seu tempo, da Fé e da Esperança que ele pregou. Sua mais importante obra resu-

me-se em um vocábulo: — CARIDADE. Para ele a Bondade, a Tolerância e o Amor, tornavam os homens iguais. Não poucas vezes, sua palavra fez entrever essa igualdade, como correspondente ao direito, pois a Caridade deveria se transformar em Justiça, sua única finalidade. (*Pausa*).

Meus Iir.: ides prestar o compromisso do Grau que não será mais do que a confirmação de vossos compromissos anteriores. Ir.: Gr.: M.: de CC.:, preparai os neófitos para prestarem o compromisso. (*Pausa, até aviso do Gr.: M.: de CC.:*). (Ao Gr.: Cav.: da Eloq.:) — Ir.: Gr.: Cav.: da Eloq.:, tende a bondade de nos ler a fórmula do compromisso.

(!) — De pé e à ordem, meus Iir.:

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — (*Lendo*) — Aceito os deveres de Membro do Cap.: R.: C.:
..... Juro de por eles pautar minhas ações durante o resto de minha vida. Em qualquer matéria religiosa, filosófica ou política, aplicarei todas as forças de minha inteligência para descobrir a Verdade.

Não me deixarei dominar pela preguiça ante um trabalho necessário à minha própria instrução. Não cederei a meu egoísmo, quando um sacrifício útil for preciso. Não fugirei nunca diante do perigo uma vez

empenhados o meu dever e a minha honra. Não repudiarei meus princípios para evitar um prejuízo material.

Juro não trair a meus Iir.'. nem pelo orgulho, nem pelo rancor, nem pela covardia.

Juro não derramar o sangue de meus semelhantes, a não ser em legítima defesa.

Juro não desonrar a qualquer Ir.'. em sua Esposa, sua Irmã, sua Mãe ou sua Filha, nem mesmo quando a isso seja solicitado por elas.

Juro nunca revelar a profano algum nem a Maçom de grau inferior nada do que se passar neste Capítulo.

Prometo ser obediente e fiel aos Estatutos, Regulamentos, Resoluções e Tradições do Supremo Conselho para o Brasil. Prometo assistir assiduamente às reuniões obrigatórias dos CCav.'. R.'. C.', salvo se impedido por causa muito justa e poderosa.

Aceito e reconheço a supremacia do Supremo Conselho (do Brasil para o Rit.'. Esc.'. Ant.'. e Ac.'.), conformando-me com suas decisões em matéria maçônica, assim como as do Capítulo de que for Membro.

ATERZ.'. — Ir.'. Gr.'. Secr.', tende a bondade de chamar nominalmente os neófitos. *(Cada qual, ao ser chamado, estende horizontalmente o braço direito para a frente e diz em, voz clara e alta):*

NEÓFITO — Eu o juro!

ATERZ.'. — *(Depois de findo o compromisso)*
(!) — Sentemo-nos meus Iir.'. *(Desce do Altar, aproximando-se dos neófitos. Recebendo a túnica, com ela reveste o Neófito dizendo):* — Esta túnica é a antiga "casula" que consistia em um grande manto redondo, aberto em cima para deixar passar a cabeça. Era comum aos eclesiásticos e aos leigos. Os gregos chamavam-na "planeta", isto é, objeto móvel, sem fixidez. Que sua uniformidade vos lembre a igualdade de todos os Maçons *(Passando-lhe o Cordão preto)*. Que este Cordão vos lembre que permaneceremos nas trevas e no luto, enquanto a palavra não for encontrada *(Volta para o Altar)*.

(O Gr.'. M.'. de CC.'. coloca os neófitos de modo a não embaraçar o cortejo que vai desfilar e em seguida, distribui os cajados).

EXTINÇÃO DAS LUZES:

2.º GR.: VIG.: — Procurai a Verdade em sua sombra profunda!

1.º GR.: VIG.: — É a voz do Trabalho e da Liberdade!

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — Conhecereis a Lei que governa o mundo!

ATERZ.: — Ir.: 1.º Gr.: Vig.: , que motivo nos reúne aqui?

1.º GR.: VIG.: — A Pedra Cúbica verte sangue e água, pela incúria dos Maçons.

ATERZ.: — Que significa este mistério?

1.º GR.: VIG.: — A perda da palavra que procuramos.

ATERZ.: — Como poderemos encontrá-la.

1.º GR.: VIG.: — Pela ciência, pela coragem e pelo Amor.

ATERZ.: — Sim, mas também pela Fé, pela Esperança e pela Caridade (*Pausa*). (!) De pé é a ordem, meus Ir.:.

1.º GR.: VIG.: — Viajemos de norte a sul, do oriente ao ocidente. Interroguemos os homens, as religiões, as filosofias e os monumentos.

ATERZ.: — Percorramos a terra inteira; interroguemos os homens e as coisas. Partamos meus Ir.:. Que a prudência nos guie.

(*Organiza-se o cortejo, vindo à frente o M.: CC.: , depois o Gr.: Tes.: , Gr.: Hosp.: , Gr.: Secr.: , Gr.: Cav.: Eloq.: , 2.º Gr.: Vig.: , 1.º Gr.: Vig.: e Aterz.:*).

ATERZ.: — (*Passando pela Coluna da Fé e apagando a luz*) — A Fé está extinta! (*Passando pela Coluna da Caridade e apagando a luz*) — A Caridade está extinta!

ATERZ.: — (*Dirigindo-se ao Candelabro de Sete Velas, e os que o seguem apagam, sucessivamente, uma das velas, dizendo em voz alta*):

IR.: TES.: — (*Apagando a 1.ª luz à esquerda*) — Os que se propuseram regenerar a Humanidade foram mortos por homens, cegos pela ignorância.

IR.: HOSP.: — (*Apagando a 2.ª luz à direita*) — O que disse "Sêde uma Família de irmãos" não foi compreendido pelos homens e estes o trucidaram!

IR.: SECR.: — (*Apagando a 3.ª luz à esquerda*) — Aquele que disse: "Não há mais sacras", os homens, sem o compreender, mataram!

IR.: CAV.: DA ELOQ.: — (*Apagando a 4.ª luz à direita*) — Aquele que disse "Procurai e encontrareis", não foi compreendido pelos homens que o condenaram à morte!

2.º GR.: VIG.: — (Apagando a 5.ª luz, esquerda) — Aquele que expulsou os mercadores do Templo foi privado da existência pelos homens!

1.º GR.: VIG.: — (Apagando a 6.ª luz à direita) — Aquele que denunciou a mentira dos Fariseus, os homens não escutaram e condenaram-no à morte!

ATERZ.: — (Apagando a luz central) — Aquele que afrontou a tirania dos grandes e o fanatismo das multidões, foi insultado e morto pelos homens!

(Dirigindo-se com o cortejo, à Coluna da Esperança sem a apagar) — Só nos resta a Esperança! Desgraçado daquele que a extinguiu!

(Os Membros voltam a seus lugares. O C.: das GG.: abre a porta dando saída ao G.: M.: de CC.: com os candidatos. Fechada a porta, fazem-se rapidamente as modificações para o funcionamento da terceira Câmara; mantendo-se os CCav.: R.: C.: no mais profundo silêncio: 1 — cada Of.: ou Dig.: retira o pano preto que cobre seu Altar, substituindo-o pelo pano branco com franjas de ouro. 2 — Os GGr.: EExp.: se incumbem de afastar ou remover os panos pretos que cobrem o T.:, deixando aparecer a cor vermelha. 3 — O Gr.: Arq.:)

e outro Ir.:, se encarregarão de: a) retirar os castiçais e crucifixo do Altar do Aterz.:; b) colocar a mesa no centro da Câmara com o PRAMANTA e o castiçal das 2 velas ao lado; c) colocar mais uma coluna do lado Sul, no Oc.:, encimada por um transparente: — RAZÃO, virando os demais das outras 3, de maneira a serem lidas as inscrições que estão atrás. O painel das Três Cruzes e o Transparente do Túmulo que devem estar por baixo dos panos pretos, ficam então expostos.

A coluna da harmonia poderá executar música apropriada durante a adaptação da Câmara.

Enquanto se executam estes preparativos o Gr.: M.: de CCer.: diz aos neófitos):

GR.: M.: DE CC.: — Meus Iir.:, deveria, neste momento, conduzir-vos à Câmara dos Suplícios, que por sua decoração simbolizaria os castigos que em várias épocas, a sociedade tem imposto aos que se mostraram esquecidos ou indiferentes às leis supremas do Amor; aos que, sem escrúpulo, lançaram sobre outrem as torturas dos sofrimentos físicos e as angústias do desespero moral e material; aos que, olvida-

dos dos eflúvios da Fraternidade, asfixiaram os mais nobres sentimentos de altruísmo e de Caridade.

Assim, embora não tenhais diante de vossos olhos as tristes consequências do esquecimento criminoso da solidariedade humana, alimentai sempre a Esperança de que vossa Fé e vossa Caridade sejam as vossas mais puras alegrias. E neste momento depois de terdes ouvido a maldade dos homens fazei a vós mesmos a promessa de jamais vos esquecerdes desses sublimes sentimentos, dizendo em sincero e profundo recolhimento espiritual: "EU HEI DE SER BOM, CARIDOSO E JUSTO. JAMAIS CAUSAREI MAL A MEU SEMELHANTE" (*Profundo silêncio, durante um minuto*).

(*Findo o silêncio, o Gr.: M.: de CC.: bate à porta do Templo, como Cav.: do Or.: e do Oc.:.*)

GR.: C.: DAS GG.: — (*Ouvindo o bater*) — Ir.: 2.º Gr.: Vig.:, batem à porta do Templo como Cav.: do Or.: e do Oc.:.

1.º GR.: VIG.: — Resp.: Ir.: Aterz.:, batem à porta como Cav.: do Or.: e do Oc.:.

ATERZ.: — Verificai, Ir.: Gr.: C.: das GG.:, quem assim bate.

GR.: C.: DAS GG.: — (*Entreabrindo a porta*) — Quem sois?

GR.: M.: DE CC.: — CCav.: do Or.: e do Oc.: que erram na terra, procurando a Palavra.

GR.: C.: DAS GG.: — Onde vindes?

GR.: M.: DE CC.: — Da Judéia.

GR.: C.: DAS GG.: — Por onde passastes?

GR.: M.: DE CC.: — Por Nazaré.

GR.: C.: DAS GG.: — Quem vos conduziu?

GR.: M.: DE CC.: — Rafael.

GR.: C.: DAS GG.: — De que tribo sois?

GR.: M.: DE CC.: — De Judá.

GR.: C.: DAS GG.: — (*Fechando a porta*) — Resp.: Ir.: Aterz.:, é o Gr.: M.: de CC.: conduzindo CCav.: do Or.: e do Oc.: que erram pela terra em busca da palavra.

ATERZ.: — Que sejam introduzidos. (!) — De pé e à ordem, meus Iir.:.

(*Todos se colocam em sinal de B.: P.:, com o cajado cruzado sobre o peito. Os neófitos param entre VVal.:.*)

ATERZ.: — (!) — Sentemo-nos, meus Iir.: (*pausa*) — Ir.: Gr.: M.: de CC.:, conduzi os neófitos ao Altar.

ATERZ.: — (*Aos neófitos*) — Meus Iir.:, sofrestes privações e dores; interrogastes os homens e as coisas. Encontrastes a Verdade?

GR.: M.: DE CC.: — Vimos a Judéia, Nazaré, Rafael e Judá.

ATERZ.: — Acabaste de dizer a P.: S.: nas ii.: desses nn.: É um dos nomes de Jesus, representando as iniciais uma antiga máxima hermética: IGNE NATURA RENOVATUR INTEGRÁ! (*O fogo renova a Natureza inteira*).

Na origem do movimento, da vida e do pensamento, isto é, de todos os fenômenos naturais, os Árias, nossos antepassados, colocaram um princípio que não era uma abstração mas uma força real e visível — o Fogo. Primeiramente, o fogo terrestre, o Agni do sacrifício; depois o fogo atmosférico ou o relâmpago e por fim, o fogo celeste, representado pelo Sol. O fogo concebido, a princípio, como personalidade divina, somente diferenciado do homem pela extensão maravilhosa de suas faculdades, tornou-se o símbolo do Ser Único, fonte e cúpula do Universo (*Pausa*).

RENASCIMENTO PELO FOGO

ATERZ.: — Qual é, Ir.: Gr.: Cav.: da Eloq.:, a esperança que nos acalenta em meio das trevas?

GR.: CAV.: DA ELOQ.: — A de produzir a centelha que fará renascer a Luz, o Calor e a Vida.

ATERZ.: — Onde se encontra essa centelha?

R.: CAV.: DA ELOQ.: — Está oculta no bosque de acácias, sob a R.: C.: mística.

ATERZ.: — Quem a colocou aí?

R.: CAV.: DA ELOQ.: — No dizer de uns, Prometeu, que a teria roubado ao sol; outros dizem que foi a tempestade que a teria arrancado da caverna tenebrosa, onde o Dragão das Nuvens a aprisionara. Conforme outros, foi a Lucíola, que a tirou de sob os ramos da árvore do Mundo. Enfim, há quem a creia vinda diretamente do céu, nas setas luminosas do Celeste Arqueiro.

ATERZ.: — Quem a deu ao sol?

R.: CAV.: DA ELOQ.: — Dizem uns que ela aí se gerou a si própria pelo atrito primordial. Resta, porém, saber de onde veio o movimento inicial. Outros chamam-na Agni, ou Indra, ou Varuna; outros, ainda, a denominam Ormuzd, Odin, Osiris, Iahweh. Nada porém, sobre ela se pode saber, porque temerária é a interpretação do mortal que pretenda impor um nome ao Gr.: A.: D.: U.:.

ATERZ.: — Vinde, pois, Ir.: 1.º e 2.º GGr.: VVIG.:, ajudar-me a reviver a antiga

(Os GGr.: VVig.: aproximam-se do PRAMANTA, sem o ocultar, para que todos os vejam; o Aterz.: retira a Rosa Mística, e diz):

— I.: N.: R.: I.:

(O Aterz.: movimenta o instrumento para que o PRAMANTA se inflame, momento em que todas as Luzes da Câmara são acesas).

ATERZ.: — Salve a ti, filho celeste, no triplice nascimento que Prometeu trouxe aos homens! Filho do homem, tu a quem os nossos antepassados adotaram sob o nome de Agni e veneraram sob a figura de um cordeiro, que pos termo às impurezas do mundo!

Salve a ti, revelador do céu e da terra; vencedor dos monstros da tempestade, da noite e do inverno! Tu desvendas as maravilhas do Templo! És tu que acendes, por sobre nossas cabeças, os lampadários celestes! És tu que nos ofuscas no ziguezague dos relâmpagos e nos aquece aos doces eflúvios do calor do lar! És tu que dás aos homens o meio de dominar a natureza e de tornarem-se semelhantes a Deus! Por tudo, em gérmen e em potência, Pai dos que te engendram, simbolizas ante os nossos olhos e, como Atarvan da antiga Ariana, o princípio de todas as

combinações, que se operam na Natureza, a essência do movimento, da vida e do pensamento; a Razão que esclarece todos os homens!

(Ativando a chama no Pramanta) — Aumenta em vigor e em brilho! Derrama ao longe teus raios fulgurantes! Sobe ao céu de onde vieste mediador dos mundos, para purificar nossa consciência! E, quando terminar o nosso dever na terra, possas tu arrebatrar os elementos sutis de nosso ser para longe da corrupção, que é o termo fatal das coisas deste mundo! I.: N.: R.: I.:!

(Acendendo o Candelabro de três velas) — Que esta chama ilumine o mundo com o esplendor da ciência! Que ela envolva a Humanidade inteira! Que o Amor engendre fecundidades e energias!

(Os GGr.: VVig.: voltam para seus lugares).

ATERZ.: — (Entregando o Candelabro ao Gr.: M.: de CC.:) — Ir.: Gr.: M.: de CC.:, conservai, para a grande obra, este Candelabro doravante fecundo! (!) IGNE NATURA RENOVATUR INTEGRA!

Nós empregamos a palavra INRI em seu duplo sentido: referindo-se a Jesus e à máxima hermética; à doutrina moral e democrática de Jesus, combinada com a obra especial dos CCav. R. C., que é ciência real.

Introduzindo-vos neste Templo iluminado e festivo, anunciando-vos que encontrastes a Palavra perdida, não acrediteis que a Maçonaria queira vos dizer que a Verdade está, finalmente, achada. Tal pensar seria antítese flagrante do ensinamento maçônico. Não! A Verdade inteira ainda não foi encontrada!

Depois de termos errado entre os homens, consultado os monumentos, as tradições, os livros, as crenças, as opiniões de todos, continuamos a ignorar a Verdade Eterna. Encontramos o caminho que dela mais nos aproxima, tanto quanto a inteligência humana pode compreendê-la. Encontramos o método. É a observação direta da natureza, princípio científico dos R. C.; é a autoridade, unicamente da consciência, princípio moral de Jesus. Se para o Ir. Bacon e outros, a observação exata cria a ciência, para Jesus, a consciência faz, sobre si mesma, um trabalho de revelação lenta, segura. A ignorância dos sacerdotes fizeram uso imprudente do nome de Jesus. Depois de

sua morte, não lhes faltam defensores. Em todos os tempos os cristãos proclamaram, em nome de Jesus, que entre a consciência e a Verdade não há um ponto intermediário, que ninguém tem o direito de dizer: "CRÊ NISSO!" ou "NÃO CREIAS NAQUILO!" Liberdade de consciência, eis a Palavra perdida. Até onde ela nos conduzirá? Ninguém o sabe!

Este Templo iluminado não é um fim; representa uma etapa.

O túmulo aberto que vedes, não é a interpretação sacerdotal da ressurreição do corpo de Jesus; é o símbolo da ressurreição do pensamento e do espírito. Assim, a vida renasce incessantemente. A ciência e a liberdade devem despertar nosso ardor; elas nos fazem gozar a única felicidade deixada ao homem nas agonias de sua ignorância sobre o seu próprio destino.

Entre nós, há quem afirme não ter necessidade de Esperança. Outros cedem, por maneiras diversas, à sêde da imortalidade, que os atormenta. Os jovens seguem alegremente o primeiro caminho; o velho, que se crê exausto pela obra da morte e que sente, ao mesmo tempo, aumentar em si os atrativos da vida, esse não se resigna. Seja qual for, meus IIr., feliz aquele que,

fiel ao dever e sincero a si mesmo, espera com serenidade (*Pausa*).

Meus Iir.: o Grau R.: C.: contém um terceiro ensinamento: — a idéia de defesa do direito, até pelas armas, se necessário for, isto é, a idéia cavalheiresca.

Durante os sombrios anos da Idade Média, a Cavalaria representou a reivindicação do direito individual, a defesa do fraco, o justo orgulho do bom direito, protesto contra a arbitrariedade.

Nesses tempos, em que tantos preconceitos predominaram, parece que o homem tinha necessidade de dividir o trabalho. A uns incumbia a idéia científica; a outros corrigir os costumes e a outros, ainda, a conservação da energia. Eram precisas essas tres coisas: — CIÊNCIA — CORAGEM e AMOR —, para se obter razão do inimigo, para chegar a final resolução pacífica, sempre que se pudesse, violenta, quando mister. Ao naturalista laborioso, ao meigo apóstolo da tolerância, a Maçonaria armou Cavaleiro, fazendo-o Maçom R.: C.: a quem, depois de armado com a ciência e liberdade, deu a espada.

É sob o influxo desse sentimento, meus Iir.: que deveis receber a investidura do Grau e os antigos títulos, cuja origem servos-á, ulteriormente, explicada (*Pausa*).

INVESTIDURA:

ATERZ.: — (!) — Iir.: GGr.: VVig.:, ajudai-me a criar Cavaleiros. (!) — De pé e à ordem, meus Iir.:! (*Pausa*) — Que os Neófitos se liguem pela Cadeia de União!

(Os iniciados formam a Cadeia de União).

ATERZ.: — Iir.: 1.º e 2.º GGr.: VVig.:, descei de vossos altares e reuni-vos a mim. (*Pausa*) — Ir.: Gr.: M.: de CC.:, preparai o primeiro recipiendário. (!) Atenção meus Iir.:.

(O Gr.: M.: de CC.: faz o primeiro recipiendário ajoelhar-se; o Aterz.: coloca-se frente ao candidato, os GGr.: VVig.: com suas espadas em cada lado do candidato, os GGr.: P.: Est.: e P.: Esp.: por trás).

ATERZ.: — (*Retirando o véu do recipiendário*) — Que este véu retirado de vossos olhos vos deixe, para sempre, em face da LUZ! (*Recebendo a fita que lhe entrega o Gr.: M.: de CC.: e cingindo o neófito*). — Que esta fita seja o símbolo de nossa aliança; que sua cor vos exprima as alegrias da fraternidade!

(O Gr.: P.: Esp.: e os GGr.: VVig.: colocam suas espadas por sobre a cabeça do Recipiendário).

ATERZ.: — Que estas espadas sejam o símbolo de vossa coragem e de nossa união. Que o fraco e oprimido encontrem em vós um defensor resolutivo. Que vossa inteligência aprenda as Leis do Mundo; que a Pátria, quando preciso, seja salva por vós da tirania. Sois livres! Sede feliz em vossas ações e na afeição de vossos filhos. Sede a glória da Maçonaria! (*Pausa*).

EM NOME DO M.: POD.: SUPREMO
CONSELHO DO ^{graus 1 a 33} BRASIL PARA O RITO
~~para o BRASIL~~
~~ESCOLOS ANTIGO E ACEITO~~ E EM VIRTUDE DOS PODERES DE QUE ESTOU INVESTIDO POR ESTE SUBLIME CAPÍTULO ROSA-CRUZ, EU VOS CRIO E VOS ARMO CAVALEIRO DA ROSACRUZ, DA ÁGUIA BRANCA E DO PELICANO, E VOS RECEBO COMO MEMBRO DO SUBLIME CAPÍTULO ROSA-CRUZ.

(O Gr.: P.: Esp.: entrega a espada flamígera ao Aterz.: que com ela toca o ombro esquerdo, direito e cabeça do candidato, devolvendo-a ao Gr.: P.: Esp.: e faz a sagração, dando a bateria nas lâminas reunidas sobre a cabeça do candidato. O Gr.: M.: de CC.: apresenta ao Aterz.: uma espada sobre um coxim de pano encarnado).

ATERZ.: — Confio-vos esta espada. Dela só vos servireis para defender o direito. Jurais ser fiel até a morte?

RECIPIENDÁRIO — Juro.

ATERZ.: — Em nome de todos os Cavaleiros Rosa-Cruz, disseminados pela superfície da Terra, eu prometo defender vossa vida e vossa honra.

Agora meu Ir.:, colocai-vos à ordem.

(O Gr.: P.: Esp.: e GG.: VVig.: dirigem suas espadas em direção aos neófitos, unindo-as; O Gr.: P.: Est.: entre os VVal.: e por fora da cadeia, alça o estandarte sobre os neófitos).

ATERZ.: — A vós, que estais ligados pela Cadeia de União, eu constituo e armo CCav.: R.: C.: da Águia Branca e do Pelicano e, declarando-vos, Membros deste Subl.: Capítulo R.: C.: sujeitos a todas as obrigações deste Grau, invisto-vos de todas as prerrogativas que lhe são inerentes.

(Faz a sagração, dando o bateria sobre as lâminas reunidas, coloca as fitas nos neófitos, e depois, dirigindo-se ao Capítulo diz):

— Meus Iir.:., reconheceréis doravante como CCav.:. R.:. C.:. e Membros deste Sublime Capitulo, os Iir.:. F.:. F.:. Prometemos a estes novos Cavaleiros, ser-lhes fiéis até à morte; defender-lhes a vida e a honra; cercá-los da afeição fraternal, que constitui o encanto e a força da vida em comum. Para correspondermos ao juramento que eles fizeram, estendamos os braços para a frente e num impulso unânime, juremo-lhes fidelidade.

TODOS — (*Estendendo o braço direito para a frente*) — Nós o juramos!

ATERZ.: — Na Coluna Gravada desta reunião ficará arquivada a lembrança desta preciosa promessa (*Pausa*).

(O Aterz.: acende com um pavio o castiçal de 3 velas e, entregando-o a um dos neófitos, diz): Agora, para justificar a escolha que de vós fizemos; que vistes a Luz se extinguir e a vistes renascer pelo esforço de Maçons vigilantes, ide com este facho colocar no candelabro místico de sete braços, a Luz reconquistada.

Ir.: Gr.: Mestr.: de CC.: conduzi os no-
vos CCav.: Rosa-Cruz ao pé do Candela-
bro Místico.

(Se não houver sete iniciandos, o Gr.: M.: de CCer.: completará o número com outros irmãos. Colocados os sete em frente ao Candelabro, o Gr.: M.: de CCer.: oferece a cada um o facho, sucessivamente; acendendo uma das velas, cada um dirá, em voz alta e clara):

- 1.º — Que reviva a palavra daquele que disse: “Sêde uma única Família de Irmãos!”
- 2.º — Que reviva a memória daquele que disse: “Procurai e encontrareis!”
- 3.º — Que reviva o pensamento daquele que expulsou os mercadores do Templo!
- 4.º — Que reviva o pensamento daquele que denunciou a mentira dos fari-seus!
- 5.º — Que reviva o pensamento daquele que disse: “Não há mais escravos!”
- 6.º — Que reviva o pensamento daquele que pregou a Fraternidade, a Liberdade e a Igualdade!
- 7.º — (*Acendendo a vela central*) — Que a memória dos que morreram mártires da arrogância das multidões reviva para iluminar a raça humana!

ATERZ.'. — (Aos Neófitos) — Para impedir que as luzes se extinguam outra vez, tendes a ciência e o direito e, se preciso vossa espada.

(O Aterz.'. e os GGr.'. VVig.'. voltas para seus lugares).

ATERZ.'. — Sentemo-nos meus IIr.'.

— Ir.'. 1.º Gr.'. Vig.', ensinaí aos novos Cav.'. R.'. C.', os sinais, toques e palavras do Grau.

(O Gr.'. M.'. de CC.'. conduz os Neófitos à presença do 1.º Gr.'. Vig.', que lhes dá as primeiras instruções).

(Terminada a instrução os neófitos gravam seus nomes no Livro apropriado e tomam lugar nos VVal.'.; O Gr.'. M.'. C.Cer.'. indaga se algum deles deseja usar da palavra para agradecer. Se houver, dá parte ao 1.º Gr.'. Vig.', que comunicará ao Aterz.'. Não há inconveniente que o Aterz.'. forneça de ante-mão o tema desse discurso, embora deixe inteira liberdade ao Neófito, que deverá fugir de banalidades de agradecimentos improvisados. Reinando silêncio, se algum Neófito falou, o Aterz.'. responde e faz aplaudir).

ATERZ.'. — Há uma Virtude, talvez ponto de partida de todas as outras, sem a qual a felicidade e a justiça seriam bem difíceis e que se encontra no fundo de todas as nos-

sas máximas: — a Bondade. Mais que o gênio, a Bondade mede a elevação da alma; mais que a beleza, dá ao rosto um encanto indizível. É por ela que contribuimos para a felicidade da Família, da Esposa, dos Filhos. É por ela que podemos levar ao desgraçado um socorro eficaz. Sem ela, estaríamos entregues a sentimentos tristes e odiosos, que, para tantos homens explicam sua intolerância e suas hostilidades às reformas sociais.

Meus IIr.', a doutrina de Jesus e sua glória mais pura estão reunidas nesta expressão: BONDADÉ EVANGÉLICA. Melhor não se saberia caracterizar tão fielmente a tendência da Maçonaria do que pela expressão: — BONDADÉ MAÇÔNICA

Na cordialidade para com os outros, supõe-se o contentamento interior. É por isso que a Loja exerce uma influência tão feliz sobre quem a frequenta com amor. Aí, encontra-se alimento para a inteligência, ocasião de trabalho para o pensamento, instrumento de progresso moral e, por conseguinte, a satisfação do dever cumprido. Aí, encontra-se uma amizade que vai até o sacrifício.

Há Maçons que são estranhos a esses sentimentos. Para muitos, a Maçonaria é instrumento utilizável para fins ambiciosos e, daí, abandonarem-na, imediatamente, pre-

ferindo esmolarem o favor em outras esferas, a serem os primeiros entre amigos fiéis.

GR.: CAV.: ELOQ.: — Outros há que se desencorajam porque não compreendem a Instituição, cujos princípios não se deram ao trabalho de estudar; porque desejam coisas impossíveis; porque não encontram as quimeras que sonharam; porque pensam que os outros fazem muito pouco, quando eles próprios nada fazem. Esses ambiciosos e esses desanimados devem ser expulsos.

Os verdadeiros Maçons são os que amam a Loja tal qual ela é; os que gostam de manejar a trolha e fornecer o seu contingente de alvenaria. Esses têm direito de encontrar na Fraternidade o que de melhor ela encerra e eles encontram. Esses dão a bondade de seus corações e recebem o inefável prazer de um aperto de mão afetivo, de olhares onde se lê a simpatia, essa cálida afeição, cujo valor só se conhece depois de, nos maus tempos, havê-la gozado.

A CEIA

(O Gr.: M.: de CC.: auxiliado por outro Ir.: coloca, no centro da Câmara, uma mesa coberta de toalha

branca, pequenos pedaços de pão e cálices de vinho em número igual ao dos CCav.: presentes e um brazeiro).

ATERZ.: — Meus Iir.:, o respasto que vamos partilhar deve sua origem, talvez, à comemoração da última ceia de Jesus com os Apóstolos, que deveriam, em breve, desempenhar a missão de ensinar nas Nações. Seja como for, esta ceia traduz para nós, um uso consagrado pelos CCav.: R.: C.:, médicos do século XVI. Para eles, era iniludível preocupação reunirem-se uma vez por ano. De qualquer país onde se encontrassem deveriam ir, na quinta-feira de Endoenças, à casa-mãe, chamada CASA DO ESPÍRITO SANTO.

Ali cada um dava conta de seus trabalhos do ano, ouvia e aprendia o que os outros tinham aprendido e em seguida, retomava a sua peregrinação pelos países do ocidente, recolhendo o que pudesse servir às ciências naturais nascentes e espalhando em redor de si os germéns da ciência e da liberdade. *(Pausa).*

ATERZ.: — (!) — Iir.: GGr.: VVig.:, convidai todos os CCav.: a retomarem o cajuado e a se agruparem em torno à mesa da ceia.

1.º GR.: VIG.: — Meus IIR.:, chegou o momento de retomarmos os nossos cajados e de nos reunirmos em torno da mesa da ceia.

2.º GR.: VIG.: — Meus IIR.:, retomemos nossos cajados e reunamo-nos em torno da mesa da ceia.

(O Gr.: M.: de CC.: fiscaliza a organização do círculo em redor da mesa, o qual deve ser unido e em boa ordem. O Aterz.: colocado na cabeceira da mesa, diz):

ATERZ.: — A nutrição que vamos tomar é o corpo e o sangue de todos nós. Que ela aumente, em nós, as forças da vida; que nossa inteligência seja sã e sincera, para que possamos discernir a verdade e esclarecer nossas aspirações ante o G.: A.: D.: U.:

(O Gr.: Mestr.: de CC.: distribui o pão, que deverá ser tomado com a mão esquerda. — O Aterz.:, após fazer o sinal e ter a resposta, diz): — Comei e dai de comer a quem tem fome. Amai e frutificai.

(Todos comem, deixando fragmentos, que serão recolhidos numa bandeja pelo Gr.: Mestr.: de CCer.:, que a colocará sobre a mesa.

A seguir distribui os cálices com vinho, que deverão também ser recebidos com a mão esquerda. O Aterz.: faz novamente o sinal e após receber a resposta, diz): — Bebei e dai de beber a quem tem sede. Aprendei e ensinaí.

(Todos bebem, deixando restos, que são recolhidos em um recipiente. O Aterz.: tomando as sobras de pão e restos de vinho, lança-os no brazeiro dizendo):

“Consumatum est”.

(Todos permanecem no Círculo para ser corrido o Tr.: de Solid.:).

— TR.: de SOL.:

ATERZ.: — Ir.: Gr.: Hosp.:, circulai o Tr.: de Sol.:

(O Gr.: Hosp.: procede a coleta, a partir do Aterz.: e ao término, entrega a Sacola ao Gr.: Cav.: da Eloq.:).

ATERZ.: — Ir.: Gr.: M.: de CC.:, recolhei os cajados. *(Após executada a ordem)* — Voltemos aos nossos lugares. *(Pausa).*

ATERZ.: — Com a palavra o Gr.: Cav.: Eloq.: para breve saudação aos presentes.

ENCERRAMENTO

ATERZ.: — (!) — IIR.: GGr.: VVig.:
anunciai em vossas VVal.: que vou sus-
pender os trabalhos.

1.º GR.: VIG.: — (!) — Meus IIR.:, o Resp.:
IIR.: Aterz.: vai suspender os trabalhos.

2.º GR.: VIG.: — (!) — IIR.: do Vale do Sul,
o Resp.: IIR.: Aterz.: vai suspender os
trabalhos. (Pausa). Está anunciado em
meu Val.: IIR.: 1.º Gr.: Vig.:

1.º GR.: VIG.: — Resp.: IIR.: Aterz.:, está
anunciado em ambos os VVal.:

ATERZ.: — Que horas são, IIR.: 1.º Gr.:
Vig.:?

1.º GR.: VIG.: — A hora do Perfeito Maçom.

ATERZ.: — Que hora é essa?

1.º GR.: VIG.: — O momento em que a Pa-
lavra foi chamada; em que a Pedra Cúbica
transformou-se em R.: C.:; em que a Es-
trela Flamejante espalhou, por sobre o
planeta, seu esplendor; em que nossos uten-
sílios retomaram seu brilho, dissipando as
trevas; a hora em que a Nova Lei reina em
nossos trabalhos.

ATERZ.: — IIR.: Gr.: Mestr.: de CCer.:,
convidai o IIR.: Gr.: Cav.: da Eloq.: a
fechar o L.: S.: De pé e à ordem!

(Depois de fechado o L.: S.:).

ATERZ.: — IIR.: Gr.: M.: CC.: apagai o
candelabro das sete velas. (Pausa).

*A mim meus RResp.: IIR.: CCav.:
R.: C.:, pelo sinal, pela bateria e pela
aclamação.*

ATERZ.: — (!) — Os nossos trabalhos
estão suspensos.

Antes, porém, de nos separarmos, prome-
tamos, meus IIR.: CCav.: guardar abso-
luto sigilo sobre tudo que aqui se passou.

*(Todos estendem o braço direito, ho-
rizontalmente para a frente, e dizem):*

TODOS — Eu o prometo.

ATERZ.: — Ide em paz.

COBRIDOR DO GRAU 18

SS. — 1.º de Ordem: Cruzar os braços sobre o peito, as mãos estendidas, os olhos levantados para o céu (Bom Pastor).

2.º de Reconhecimento: Levantar a mão direita com o index mostrando o céu.
Resposta: Mostrar a terra com o mesmo dedo.

(O sinal é feito com os dois movimentos).

3.º de Socorro: Cruzar as pernas, passando a direita por traz da esquerda.
Resposta: mesmo movimento com a perna esquerda.

T. — Estando à Ordem, por-se deante do outro, inclinar-se para saudação; depois por-se mutuamente as duas mãos sobre o peito, sem descruzar os braços, pronunciando a p. p.

Idade: tr. e tr. anos.

Bateria: sete pancadas por seis e uma —
000000 0

P. S. — Nomeam-se alternativamente as letras: I. N. R. I.

P. P. — LEUNAMME. Resposta: XAP SIBOV.

Aclamação: HOSCHÉA! HOSCHÉA!
HOSCHÉA! (pronuncia-se "oskéa").

Entrada no Capítulo: estando à Ordem, dar 3 pp. precipitados, fazer o sinal de reconhecimento completo, e depois uma ligeira genuflexão.

Horas do Capítulo: Os trabalhos estão sempre em atividade; não são encerrados. Começam no momento em que se perdeu a palavra e suspendem-se no momento em que a mesma foi achada.

GRAUS INTERMEDIÁRIOS

Grau 16.º

A câmara do gr.º 16.º chama-se Grande Conselho. A sala é iluminada por 25 luzes, dispostas em grupos de 5, e dividida ao meio por uma espessa cortina, que cai do teto. Na segunda divisão está o Rei Dario, presidente da Oficina, sob um dossel de cor amarela, tendo diante de si uma mesa, uma espada, um escudo, um castiçal de 5 luzes, uma balança e uma antiga mão da justiça. Esta divisão representa a cidade de Babilônia e está armada de vermelho. A divisão da frente representa a cidade de Jerusalém, onde há um trono, destinada a Zorobabel, presidente da Oficina. A separação das duas partes da sala representa a distância que havia de uma cidade a outra.

Os trabalhos neste grau demonstram que a igualdade humana tem por consequência imediata a liberdade e independência das nações, como agrupamentos históricos ou territoriais, e por consequência mediata que os direitos e interesses gerais da humanidade não podem ser restringidos ou limitados.

S.º de ORDEM — Mão dir.º cerrada, como segurando uma espada para o ataque; mão esq.º sobre o quadril esquerdo.

Estende-se o braço dir.º e assenta-se a mão esq.º com os dedos abertos sobre o quadril esq.º.

A resposta é elevar-se o braço dir.º à altura do ombro, dedos fechados, exceto o index, que fica estendido; pé direito em esquadria com o calcanhar unido à ponta do pé esquerdo.

TOQUE — Toma-se reciprocamente a mão dir.º e dão-se, alternadamente, 5 p.º 0-00-00 com o polegar dir.º na articulação do dedo mínimo; juntam-se os pés direitos pela ponta, tocando-se em seguida os joelhos; depois põe-se mutuamente a mão esq.º aberta sobre o ombro, dizendo o 1.º VINTE, e o 2.º VINTE TRÊS.

IDADE — Vinte cinco a. completos.

P.º P.º — HTEBET — Resposta: MIRSE.

P.º S.º — RADA, nome do 12.º mês maçônico.

Resposta: HCSALAHCS-MIRSE (vinte e três).

INDUMENTÁRIA:

AVENTAL: carmezim, orlado de branco, com o Templo de Salomão no centro.

Aos lados do Templo, à direita um Delta e à esquerda um Esquadro; no ângulo superior direito, uma Espada e no esquerdo, um Escudo. Na abeta, a Mão da Justiça (uma mão segurando uma balança).

FITA: cor de pinhão com a Mão da Justiça na extremidade.

JÓIA: uma medalha, tendo no centro a Mão da Justiça.

MARCHA — Estando à ordem, avança-se com o pé esq.º. escorregando; depois leva-se o pé dir.º. à ponta do esq.º., marcando um passo, e assim até completar cinco.

BATERIA — VINTE CINCO — 0000-0 0000-0
0000-0 0000-0 0000-0.

T. de TRABALHO — Começa-se ao nascer do Sol e termina-se ao meio dia.

CAVALEIRO DO ORIENTE E DO OCIDENTE

Grau 17.º

DECORAÇÃO DO TEMPLO — A Loja é forrada de encarnado, com estrelas douradas. No Oriente fica o Trono do Presidente sobre três degraus, sustentados por quatro animais: Leão, Bezerro, Águia e um quadrúpede com cabeça humana, tendo cada um seis asas. De cada lado da Loja, ficam onze pequenos tronos, iguais aos precedentes para os VVig.º. Por detrás do 2.º Vig.º. um outro para ser, posteriormente, ocupado pelo neófito. Por sobre o dossel do trono do Presidente, um Arco-fris, ladeado pelo Sol e pela Lua. Embaixo e à direita do Trono, um recipiente com água, sobre uma pilastra.

O presidente segura, com a mão esquerda, um livro de onde pendem sete selos.

TÍTULOS — A Loja, composta de 24 membros numerários, denomina-se GRANDE CONSELHO.

O Presidente tem o título de MUITO PODEROSO e os IIR.º. o de RESP.º. ANCIÃO.

Os IIR.º. que excederem dos 24 e que têm direito de assistir às reuniões, têm o título de RESP.º. CAVALEIRO.

S.: de ORDEM — 1.º Põe-se a mão dir.: sobre a fronte.

2.º Olha-se para o ombro direito, dizendo: NODDABA; resposta: NOLUBAZ.

TOQUE — 1.º Põe-se a mão esq.: na dir.: do Ir.:, tendo o cuidado de manter os dedos estendidos; o outro Ir.: cobre a mão do 1.º com a sua mão esq.:, olhando ambos para o ombro direito.

2.º Toca-se com a mão esq.: o ombro esq.: do Ir.: e este acaricia com a mão dir.: o ombro dir.: do outro.

P.: P.: — NOLUBAZ.

P.: S.: — NODDABA.

INDUMENTÁRIA:

AVENTAL: cetim amarelo, orlado de carmezim.

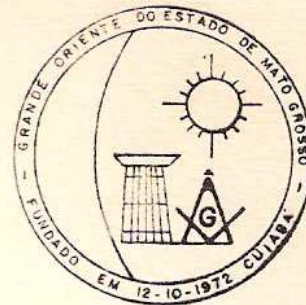
FITA: são duas; uma branca, da dir.: para a esq.:; outra preta, cruzada, e na qual está presa a Jóia.

JÓIA: é um heptagono de ouro ou de prata, tendo em cada ângulo as letras B.: D.: S.: P.: H.: G.: F.:.

MARCHA — Dar 7 passos, pondo em cada um deles os pés em esquadria, formando assim um heptagono.

BATERIA — 7 p. — 000 — 000 — 0.

T. de TRAB.: — Do por ao nascer do sol.



A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.:

SUBLIME CAPÍTULO

"ACÁCIA CUIABANA"

Sob os ausp.: do Supr.: Cons.: dos GGr.: EEsc.: 4ª a 33.º para o Brasil
CUIABÁ 78.000

Mato Grosso

ale de Cuiabá,

Athayde Carlos Borges

João Barbosa Caramurú